Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

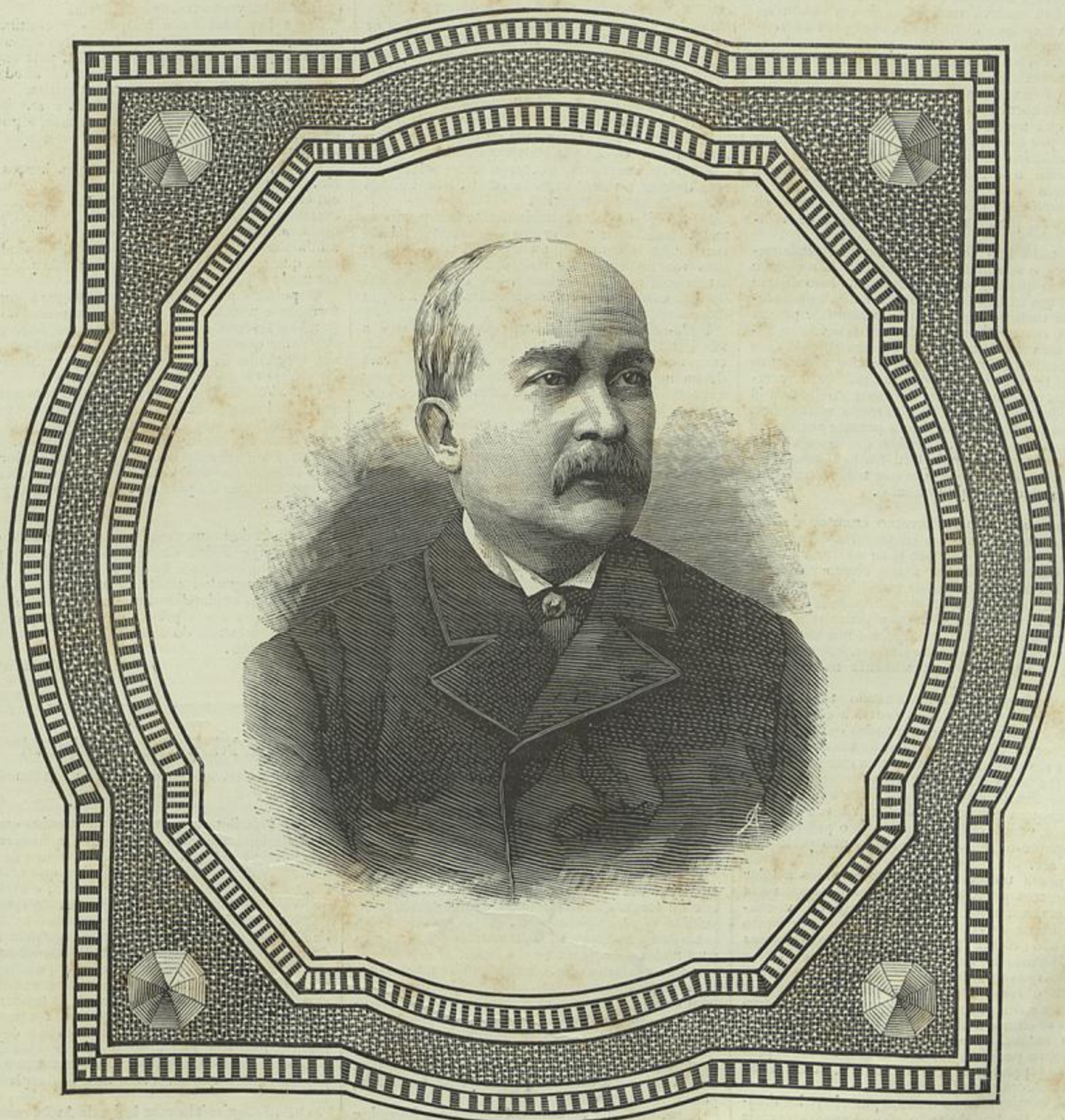
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 284

11 DE NOVEMBRO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

Conde de Valbom — Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa (Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

Um temporal desfeito passou hontem sobre Lisboa.

O tranquillo Tejo, o Tejo de crystal como lhe chamavam d'antes, ao sério, os lyricos do romantismo e como lhe chamam hoje, a rir, os humoristas lisboetas, o que prova que no fim de tudo a imagem não é tão má como isso e que não se encontraram ainda muitas que melhor podessem dar a idéa da serenidade limpida e da belleza tranquilla d'esse grande e formoso rio, tinha o aspecto turvo e sinistro d'um terrivel mar em furias.

As ondas, de ordinario placidas e calmas, que vem lamber humildemente a muralha do Aterro, com a obediencia acariciadora de um rafeiro bem ensinado, tinham hontem convulsões epileticas de gigantescos vagalhões, espumavam ao longe como leões raivosos e coloriam a superficie inquieta e negra do rio com a alvura relusente das suas aguas esbatidas, semelhando um enorme rebanho de carneiros galopando em saltos desenfriados por ahi fóra, investindo com os grandes navios, desmanchando-lhes a sua impassibilidade grave e olympica, fazendo fugir as pequenas embarcações assustadas, ante as suas marradas possantes, que as obrigavam a danças desordenadas e perigosas.

Em terra andava tambem tudo em polvorosa com o vento que assobiava as estrophes do vendaval por cima dos telhados e pelas embocaduras das ruas, arrancando arvores e quebrando vidraças, luctando com uma força herculea contra as grossas bategas d'agua, que sobre a cidade despejavam as enormes nuvens negras, que escureciam o céo, que tapavam tão bem o sol que quasi não se dava por que era dia, e por fim, como epilogo d'este primeiro temporal de inverno, os trovões começaram a estrondear perto, os relampagos successivos a cortar a escuridão sinistra da noite, como se a natureza estivesse a fazer o seu ensaio geral para uma *reprise* da noite de Walpurgis.

Hoje tudo isso serenou. O céu tem ainda nuvens, mas o seu bello azul peninsular já apparece de vez em quando para nos certificar bem de que estamos em Lisboa; o vento tem ainda as suas lufadas de mau genio, mas de mau genio de pessoa delicada, como se prezam de ser os invernos lisboetas, de vez emquando umas pancadinhas d'agua fazem desabrochar os chapeus de chuva, para nos fazerem lembrar que sempre estamos em novembro; mas aquella violencia desusada de hontem já passou felizmente, aquelle inverno á estrangeira, já se naturalisou, já adquiriu a pacatez nacional, e tudo faz crer que o S. Martinho que festeja ámanhã o seu dia de annos, terá tambem este anno o seu delicioso verão e com que tradicionalmente a natureza costuma presenteal o.

O apparecimento do inverno enxutou de fóra da terra, das praias e das villigiaturas demoradas, todos os lisboetas que por lá se esqueciam ainda de que outubro dissera a sua ultima palavra, e S. Carlos balbuciára a sua primeira syllaba: no *high-life* dos jornaes acabaram finalmente as noticias dos regressos: já toda a gente regressou; nas ruas, nos passeios, nos cafés e nos theatros já se veem todas as caras conhecidas, habituaes, e a vida de Lisboa entrou finalmente na sua plena animação do inverno.

Os theatros estão funccionando todos e até o Colyseu abriu já as suas portas a essa companhia de cavallinhos, que vem todos os annos para aqui com as suas *voltigeuses*, os seus palhaços e os seus acrobatas, essa companhia que por muitos annos fez tanto mal aos theatros portuguezes, mas que por fim ha de acabar por fazer mal a si propria, porque a monotonia fatal, inevitavel, dos seus trabalhos, vai começar a cançar finalmente o publico, está já cançando-o, massando-o, como não póde deixar de ser.

Na nossa ultima chronica começámos a falar dos theatros portuguezes, falámos da peça nova dos Recreios, esse *Miguel Strogoff* que vae fazendo a sua carreira triumphal e que por muito tempo não deixará apparecer outra peça no cartaz; e do Gymnasio, a da *reprise* dos *Nobres e Plebeus* com que vae servindo bem o seu publico emquanto prepara o seu novo reportorio de inverno; de S. Carlos e dos cantores que apresentou na opera da sua abertura, a *Gioconda* que pelo seu desempenho notavel teve um grande *successo* a fazer *pendant* ao pequeno *fiasco* com quo no anno passado se representou pela primeira vez em Lisboa a afamada opera de Ponchielli.

Hoje continuaremos o nosso passeio pelos theatros, que no fim de tudo são sempre a grande novidade da vida de inverno em Lisboa, e muito mais ainda, quando não ha outras novidades, nem grandes nem pequenas.

Com mais tres operas a empreza de S. Carlos mostrou-nos o resto da companhia d'este anno, da qual, sem contestação alguma, a estrella é, como dissemos na nossa ultima chronica, a grande cantora a sr.ª Elena Theodorini.

As tres operas que se succederam á *Gioconda* foram a *Dinorah*, o *Rei de Lahore* e o *Fausto*.

Aquellas duas duraram o tempo que duram as operas que caem — o curto espaço de uma noite — esta, a ultima teve um certo exito, que não se póde comparar com o *successo* da *Gioconda*, mas que é ainda extraordinariamente lisongeiro para os artistas que n'ella entraram, desde o momento em que n'aquelle mesmo theatro e ha sete ou oito mezes apenas, aquella opera cantada pela Devriés e pelo Masini, foi um dos mais ruidosos *successos* d'essa epoca excepcional de *successos* ruidosos.

A *Dinorah* caiu não porque fosse mal cantada, mas simplesmente porque não foi notavelmente executada, nem pelos cantores, nem pela orchestra.

E a opera de Mayerbeer é uma d'essas operas que não resiste a uma execução mediocre: primeiro porque é de difficil execução, e porque não sendo primorosamente cantada e representada torna-se n'uma massada medonha, segundo porque estamos habituados a vel-a executar magistralmente, a começar pela primeira vez que aqui se cantou, em que Dinorah era a Ortolani e Corentino o Teberini, e seguindo por ahi fóra por essas varias Dinorahs que se chamavam Vitali, De Maeseu, Varesi, Bianca Donadio, até á celebre Patti que ainda ha mezes cantou alli, no palco de S. Carlos a *Valsa da sombra*.

Este anno a *Dinorah* serviu de estreia á *prima-donna* ligeira da companhia, a sr.ª Bendazzi Secchi.

A sr.ª Bendazzi é uma creança encantadora que tem desoito a vinte annos de edade, e dois annos apenas de carreira theatral.

Podem já calcular perfeitamente que por mais talento que tenha uma artista — e a sr.ª Bendazzi tem muito talento, por mais bonita voz — e tem uma voz bonita — por mais decidida vocação — e tem uma vocação brilhante, — o curto tirocinio de dois annos ha de fatalmente amarral-a á fileira das principiantes

Póde-se ser notavel entre ellas, como o é a sr.ª Bendazzi, mas nem por isso se poderá luctar com aquellas, que notaveis tambem, começaram de ha muito, e em plena posse de todos os seus recursos de artista, estão já collocados nas eminencias luminosas da arte.

Foi exactamente o que aconteceu á gentil *prima-donna*.

A sua voz é bonita, de bom timbre, afinada, fresca: está sendo cultivada em boa escola e com muito amor, vê-se perfeitamente; no seu jogo scenico ha revelação frisante de um bello talento dramatico, que desabrocha, mas tudo isso tem ainda as incorrecções que dá a inexperiencia, a pouca pratica, a mocidade em summa: d'aqui a annos, aquella voz robustecida pelo desenvolvimento physico da mulher e pela educação musical da artista, aquelle talento amadurecido pelo estudo e pelo trabalho persistente, devem fazer da sr.ª Bendazzi uma grande artista a valer.

Hoje é apenas uma encantadora creança, que principia, notavelmente, sim, mas que principia.

E a *Dinorah*, principalmente para um publico como o nosso, habituado a Dinorahs celebres, exige muito mais do que notabilidades d'ámanhã, exige artistas feitos já de hoje.

E foi por isso que a opera de Mayerbeer correu friamente, massou o publico, enfastiou-o, fastidio que nem o sr. Gianinni, o tenor que debutou no papel de Corentino e sem dar que falar de si — nem o sr. Dufriche, que á ultima hora se encarregou da parte ingrata e muito especial de Hoel, por ter adoecido repentinamente o barytono que n'ella devia debutar, conseguiram suavisar.

O *Rei de Lahore* caiu tambem, mas esse por culpa de um artista apenas, o sr. Cardinali, o tenor de força, que desagradou completamente ao publico, tão completamente, que depois de muito pateado na primeira noite, tratou logo de fazer as suas malas e de partir para a Italia.

E não obstante o sr. Cardinali tinha umas notas boas na sua voz que não era má. Mas tinha tambem umas notas detestaveis, horrorosas, que contendiam com os nervos e que motivaram o desagrado unanime que o poz logo em debandada.

Sabemos e todo o publico deve sabel-o tambem, as grandes difficuldades com que lucta a empreza de S. Carlos e todas as emprezas lyricas do mundo, para arranjar tenores.

Bons, bons, ha só dois, o Gayarre e o Masini, e esses são disputados a pezo de ouro pelos primeiros theatros da Europa e da America.

Tivemos já em Lisboa o Gayarre por duas vezes, o Masini toda a epoca passada e devemo-nos dar por muito felizes.

É necessario, é indispensavel que nos habituemos, ou pelo menos que nos contentemos com outros menos bons, porque de contrario não podemos ter theatro lyrico.

O sr. Cardinali foi-se embora e Deus o leve por onde não faça perca; não sabemos ainda quem virá, mas o que é certo é que venha quem vier, não será com certeza o ideal dos tenores, porque Gayarre e Masini são só dois, e ainda assim, mesmo em Lisboa, havia algumas pessoas que lhes faziam cara...

O resto do desempenho do *Rei de Lahore*, se não teve o *successo* da *Gioconda*, foi muito regular, e notavel sobre tudo por parte da Theodorini, magnifica no 4.º acto e do sr. Dufriche que cantou com muita correcção toda a opera e com muito brilho o *arioso* d'esse mesmo 4.º acto, o trecho em que esse barytono mais applausos tem conquistado em Lisboa.

O *Fausto* serviu de apresentação ao baixo Vidal que é um grande artista, que conserva ainda as suas poderosas qualidades de *virtuose* distincto, e que foi applaudidissimo na canção do *Dio del'oro* e na *serenata*.

Na parte de Valentim debutou o sr. Fumagalli, que é um barytono muito apreciavel.

A sr.ª Bendazzi foi a Margarida e continuou n'esse papel a accentuar os seus bellos dotes artisticos, que só esperam pelo estudo, pela experiencia, pelo desenvolvimento que dá a edade, para a levarem ás alturas de grande artista.

Emquanto Margarida é Gretchen, a sr.ª Bendazzi foi magnifica: o seu bello defeito, a pouca edade, serviu-a deliciosamente na realisação do seu personagem.

Depois, quando Fausto caindo nos braços de Margarida transforma a despreoccupada creança em criminosa mulher, a sr.ª Bendazzi teve que recorrer a todo o seu bello talento intuitivo para não ficar completamente esmagada sob as responsabilidades dramaticas, que o papel lhe impunha e com que a sua inexperiencia juvenil não póde arcar ainda triumphantemente.

O publico portou-se gentilmente para com a formosa e novel artista, applaudiu-a muito no segundo e terceiro acto, fez-lhe uma ovação na *aria das joias* que ella canta muito bem, saudando assim alegremente, essa radiante aurora artistica que hoje desponta no palco de S. Carlos.

O sr. Valero houve-se muito distinctamente na parte de Fausto, sahindo-se a são e salvo de todos os confrontos que inevitavelmente se faziam a cada momento no espirito dos espectadores.

Tanto no *Fausto* como no *Rei de Lahore*, a sr.ª Henriqueta Stahl continuou a merecer as sympathias que do publico conquistou na cega da *Gioconda*.

D. Maria deu uma peça nova e com *successo* — *O Principe Zilah* de Claretie, traduzido pelo nosso bom collega e amigo o sr. Moura Cabral.

A peça agradou muito. João Rosa e Virginia foram muito applaudidos, mas não podemos d'ella dizer, porque a sua primeira representação coincidiu com a estreia do tenor Cardinali, a que tivemos de assistir.

Gervasio Lobato.

CONDE DE VALBOM

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa

Não é facil tarefa resumir no estreito quadro de uma ligeira noticia biographica, a historia de um homem notavel, cuja carreira publica se assignalou com todas as manifestações que revelam a intelligencia, o amor pelo seu paiz, e uma iniciativa illustrada e energica. Homem de sciencia, militar, jornalista, estadista e diplomata o sr. conde de Valbom conquistou passo a passo e pela força do seu talento uma das mais altas posições na carreira publica; e se as malquerenças politicas lhe não pouparam por vezes uma guerra acintosa e cruel, todos sabem o valor que nas luctas dos partidos teem quasi sempre as invectivas apaixonadas que se destinam a produzir um effeito de momento, mas que não apagam na consciencia do paiz o reconhecimento do verdadeiro merito e a gratidão pelos que o servem com dedicação e intelligencia.

O sr. Joaquim Thomaz Lobo de Avila, conde de Valbom, nasceu em 1824, sendo seus paes o sr. Joaquim Anastacio Lobo de Avila e a sr.ª D. Marianna Victoria Mendonça Pessanha Mascarenhas. Desde

o berço que o futuro homem de estado veio adquirindo as qualidades que o deviam depois tornar notavel na carreira publica. De seu pae, valente e brioso official do exercito recebeu os exemplos e as lições que o ensinaram a arrostar com as asperas luctas da vida militar e politica; de sua mãe o suave influxo das virtudes domesticas e sociaes.

Educado no collegio militar o sr. conde de Valbom concluiu o respectivo curso aos 17 annos de idade, tendo sido laureado com os primeiros premios, e gozado dois annos da ambicionada honra de commandar o batalhão escolar, e matriculou-se em seguida na Escola Polytechnica.

Tres annos depois, em 1844, rebentou a revolta de Torres Novas. Educado nas idéas liberaes, tendo assistido ainda na infancia á lucta tremenda que finalisára pelo triumpho das idéas modernas no nosso paiz, o sr. conde de Valbom não podia ficar tranquillo, e a revolução encontrou-o de espada desembainhada, abandonadas as lides escolares, ao lado de José Estevam. A intelligencia e a bravura do joven revolucionario deram-lhe n'essa occasião um posto arriscado e invejavel, o de ajudante de ordens do general Cesar de Vasconcellos.

Como todos sabem malogrou-se a revolta e Lobo de Avila teve que emigrar para França. O contacto com a sociedade franceza em tão verdes annos, o observar de perto o movimento e as idéas de uma grande nação, tiveram no espirito do futuro estadista e diplomata uma influencia decisiva. Os pontos de vista acanhados, fatalidade inherente aos que nascem n'um paiz pequeno e pobre, e a que se não furtam muitos homens aliaz intelligentes, cederam o passo a uma comprehensão clara e aberta dos diversos phenomenos politicos e sociaes, tanto mais que o joven emigrado longe de considerar a capital da França onde viveu, como a cidade dos prazeres a que decerto o chamavam os seus annos e as qualidades brilhantes do seu espirito, se encerrou n'um circulo severo de estudo e de trabalho de que saiu com o curso de engenheria, em que obteve classificacões distinctas, e com a formatura nos cursos de economia politica e direito administrativo.

Já antes da sua partida para França o sr. conde de Valbom se assignalára como orador e homem de lettras. Sendo um dos fundadores da *Sociedade Escolastico-Philomatica*, que teve por presidente Rodrigo da Fonseca, e que foi como que um viveiro onde se desenvolveram tantos homens de talento, o sr. Lobo de Avila conquistou de uma vez logar proeminente com as suas memorias sobre a influencia das cruzadas na civilisação» e sobre «a pena de morte».

Regressando a Portugal depois de assignada a convenção de 1849, o sr. Lobo de Avila reconstruiu a sua cruzada litteraria fundando primeiro o *Cosmorama* e depois o *Atheneu*, periodicos em que se discutiam as mais altas questões sociaes e economicas.

Ás épocas calamitozas da exaltação *cabralina* succedeu a da *regeneração*, que rasgando então novos horisontes aos progressos moraes e materiaes do paiz, firmava até certo ponto a conciliação dos partidos e uma certa tolerancia politica.

Foi n'este momento que o sr. conde de Valbom iniciou a sua carreira de estadista, sendo successivamente eleito deputado por varios circulos, e assignalando-se desde logo na tribuna parlamentar por triumphos de primeira ordem.

Na camara foi relator das commissões mais importantes, como por exemplo das de resposta ao discurso da corôa, fazenda e obras publicas. Foi um dos que mais contribuiu para a creação do ministerio das obras publicas, necessidade urgentissima, então que o nosso paiz era certamente um dos mais atrazados da Europa em questões de viação, e em geral de melhoramentos materiaes. Nomeado secretario do conselho de obras publicas e minas o sr. conde de Valbom exerceu durante longos annos este cargo, deixando assignalada a sua iniciativa com muitos trabalhos importantes, constituindo se no parlamento e fóra d'elle um dos mais energicos propugnadores do estabelecimento dos caminhos de ferro em Portugal, e publicando muitos artigos em differentes jornaes e varios opusculos sobre diversas questões referentes á viação accelerada contra a qual os espiritos rotineiros se insurgiam n'aquella época.

Fraccionado o partido regenerador, pela conhecida revolução que não é agora occasião de descrever, o sr. conde de Valbom ficou do lado dos amigos que firmavam o grupo que se julgava o mais genuinamente filho da revolução.

Chamado aos conselhos da corôa em 1862, gerio a pasta da fazenda até março de 1865.

Estes tres annos marcam a época de uma das mais profundas revoluções economicas do nosso paiz, e a espantosa fecundidade, a ousadia e a actividade unica e sem exemplo do illustre estadista, crearam-lhe definitivamente um logar indiscutivel entre os primeiros homens da nossa moderna historia politica.

É impossivel restringir ao estreito quadro que nos propozemos a simples indicação das numerosas medidas que illustraram a gerencia financeira do sr. conde de Valbom, muitas das quaes, senão todas, foram guerreadas na occasião pelos preconceitos da rotina e pelas inevitaveis manifestações do interesse partidario, mas das quaes o paiz, quasi sempre indifferente ás pequenas luct s dos parlamentos e dos jornaes, apreciou devidamente as vantagens.

Eis as principaes:

Lobo d'Avila dá ao principio de desamortisação a acção que nunca tivera; obriga a fiscalisação a acompanhar o desenvolvimento do commercio e das industrias sem lhes tolher os movimentos; submette á contribuição directa o elevadissimo rendimento collectavel, que se lhes esquivára sempre; refórma a casa da moeda, na qual tudo era imperfeito e mesquinho, processos, ensaios, edificios, material fabril, systema de contabilidade; reorganisa as alfandegas, melhorando o serviço, tornando mais efficaz a influencia do fisco, e mais favoravel a situação do pessoal, despendendo apenas 6 p. c. da receita, isto é, metade aproximadamente do que se despende em França e n'outros paizes, que podem ser citados, quando se trata do systema aduaneiro; acode aos encargos resultantes dos caminhos de ferro, assegura os meios de completar o pagamento das respectivas subvenções; põe termo á venda immoderada de bonds, que principiava a ser apontada pela imprensa ingleza, e a provocar os commentarios do *Stock Exchange*, que chegára a chamar para ella a attenção do *Committé*; reduz, a exemplo dos paizes mais adiantados, as obrigações, com praso fixo e sem penhor, a divida do thesouro; realisa as operações de credito nas praças de Londres a 48 p. c., isto é, em condições incomparavelmente mais vantajosas do que outras nações, e poderosas, que ao mesmo tempo ali negociavam, e quando o Brazil, por exemplo, pedia á Inglaterra 3.300:000 lbs. a 88 p. c., tendo os seus fundos a 94 p. c.; em resultado do seu muito credito, vê, em agosto de 1864, manterem os nossos fundos, em Inglaterra, a cotação de 46 1/4 a 47 p. c., quando os consolidados inglezes haviam baixado, por effeito da crise de 91 7/8 a 87 1/4.

A abolição do monopolio do tabaco que era um verdadeiro insulto aos principios liberaes, e a estinção dos morgados, dessimulando e libertando a terra, — são das leis mais notaveis da nossa legislação moderna, e como era natural a transformação que se produziu teve effeito immediato no desenvolvimento das receitas do estado e da riqueza publica em geral.

Em 1869, e sob a presidencia do duque de Loulé, foi o sr. conde de Valbom chamado novamente a fazer parte do gabinete, sendo-lhe confiadas as pastas da guerra e das obras publicas. Foi curta, porém, a sua nova estada no poder, e as circumstancias politicas não se prestavam a medidas rasgadas e de grande alcance. Não deixou porém o illustre estadista de assignalar a sua passagem pelo poder com duas medidas de primeira importancia: as obras do *boulevard* do Campo Grande e a reforma dos serviços postaes.

No meio da vida agitada da politica activa aproveitou o sr. conde de Valbom os raros ocios que lhe deixava o serviço publico, para se entregar a trabalhos scientificos importantes, dos quaes o mais notavel, um livro intitulado *Estudos de administração*, publicados em 1874, lhe conquistou o logar de socio effectivo da Academia Real das Sciencias.

Nomeado par do reino em 16 de maio do mesmo anno, o sr. Joaquim Thomaz Lobo d'Avila, foi pouco depois elevado á grandeza do reino com o titulo de conde de Valbom, com que é principalmente conhecido no mundo diplomatico. Além d'estas merecidas distincções o sr. conde de Valbom foi agraciado com muitas das principaes condecorações nacionaes e estrangeiras, confirmando assim os governos a consideração publica que ha muito lhe reconhecia a nobreza do talento e do caracter.

Em novembro de 1876, o sr. conde de Valbom iniciou a sua carreira como diplomata sendo nomeado embaixador de Portugal na côrte de Madrid, onde se demorou quatro annos e onde mais uma vez manifestou as altas qualidades do seu espirito e o seu perfeito tacto para os negocios e para as relações diplomaticas.

Os seus salões eram o *rendez-vous* da primeira sociedade madrilena e ainda hoje n'aquella côrte se falla com saudade nas festas dos condes de Valbom.

Em novembro de 1878 foi nomeado conselheiro de estado effectivo, e em 1882 foi agraciado com a gran-cruz de Christo.

Na camara dos pares continuou a patentear os seus notaveis dotes de orador e estadista em numerosos e eloquentes discursos sobre as questões mais importantes, tanto politicas como financeiras.

No corrente anno de 1886, e apenas constituida a situação progressista, foi nomeado nosso ministro em Paris, onde em pouco tempo tem sabido conquistar a estima e consideração do governo d'aquella republica e da sociedade franceza.

Lisboa, 10 de novembro de 1886.

A. Meyrelles de Tavora.

AS NOSSAS GRAVURAS

EGREJA DA TRINDADE, NO PORTO

É um dos mais bellos templos que se erguem na cidade invicta, a egreja da Trindade. Foi fundada em 1803, a 17 de abril, lançando a primeira pedra do edificio o bispo do Porto, D. Antonio de S. José e Castro, e concluidas as obras em 1841, abrindo se á veneração dos fieis a 29 de maio do mesmo anno.

Mandou construir este soberbo templo a Ordem terceira da Santissima Trindade, fundada no Porto por bulla do papa Benedicto XIV, de 14 de maio de 1755, em substituição á Ordem terceira de S. Domingos, suprimida por bulla do mesmo papa de 15 de abril do dito anno.

Não foi sem grandes difficuldades que a Ordem terceira da Santissima Trindade conseguiu eregir o novo templo, no Largo do Laranjal, hoje praça da Trindade, e essas difficuldades vieram-lhe sobretudo de antigas questões existentes entre a confraria do Senhor Jesus do Calvario, de onde nasceu esta ordem, e os frades capuchos de Santo Antonio.

Por mais de meio seculo correram processos curiosissimos a este respeito, em que não sabemos que espirito maligno inspirava aquelles frades contra a confraria.

A principal questão versou sobre a posse e desenvolvimento da capella que a mesma confraria tinha no sitio da Cordoaria, e de que os frades se queriam apossar a todo o transe, procurando e inventando todos os pretextos ainda os mais disparatados.

Esta reincidencia dos frades capuchos levou a citada confraria, logo que foi elevada a Ordem terceira da Trineade, a escolher outro logar para edificar a sua nova egreja, como unico meio de fugir á preseguição que lhe moviam os frades de Santo Antonio.

Nem por isso a obra saiu menos grandiosa, tanto na architectura do edificio, como na decoração das suas capellas, onde se veem imagens de inestimavel valor.

A Ordem da Santissima Trindade sustenta junto á egreja, um lyceu estabelecido em 23 de novembro de 1857 e approvado por alvará de 20 de abril de 1861.

Tem escolas para ambos os sexos, ensinando-se alli instrucção primaria e secundaria, musica e prendas proprias do sexo feminino.

Tem tambem no mesmo edificio um hospital para os irmãos da ordem, fundado em 6 de junho de 1852, com botica propria e todas as mais dependencias.

O primeiro visconde da Trindade foi um dos irmãos d'esta ordem a quem a mesma mais beneficios deve, pelo muito que se interessou pela sua prosperidade e desenvolvimento.

Da magestade do edificio dá perfeita idéa a gravura que publicamos e que nos dispensa de discripção minunciosa.

VILLA FRANCA DE XIRA

Na margem direita do Tejo e a 44 kilometros de Lisboa, assenta Villa Franca de Xira, em estensa planice entre os montes que lhe fazem moralha natural ao Norte e o Tejo que lhe corre ao Sul.

Foi povoação fundada por D. Sancho I, que para isso duou aquellas terras aos flamegos para se estabelecerem com todas as franquias, do que lhe provem o nome de Franca, e o nome de Xira por ser um matagal inculto, a que nos primeiros tempos da monarchia se chamava *Cira* e hoje por curruptelle Xira.

São muitos os brazões de gloria que enobrecem Villa Franca de Xira, tanto pela parte importante que tomou sempre nas guerras que assola-

ram o paiz, desde a fundação de Portugal até ás luctas dos partidos que opperaram a transformação politica, no regimen que hoje nos rege, como por ter sido berço de varões illustres, entre os quaes conta o grande Affonso de Albuquerque.

Foi de grande importancia o seu commercio antes da linha ferrea que hoje a corta e tem alli uma estação, mas esse mesmo melhoramento que tem enriquecido tantas povoações de menor importancia, deu causa a uma certa decadencia n'esta villa, descentralisando d'ella o melhor do seu commercio, pela facilidade de communicações em que está com a capital.

É o mais importante celeiro da Estremadura, porque n'ella se arrecada a grande producção de cereaes que se criam nos vastos campos da Liziria que lhe fica fronteira.

Dos seus tempos aureos conserva ainda gratas recordações, nas bellas quintas que a cercam e em algumas edificações fidalgas que bem mostram a riqueza de outras eras.

É Villa Franca de Xira cabeça de concelho e comarca, tendo as freguezias de Povos, Cachoeiras, S. João dos Montes, Alhandra e Samora Correia. A freguezia da villa é da invocação de S. Vicente Martyr, e é um bonito templo situado em espaçoso terreiro. A egreja da Misericordia tambem é um bom edificio.

Em varias épocas do anno é alli attraida a população de Lisboa e logares lemitrophes, pelas magnificas touradas que se realisam na sua praça de touros.

N'esses dias Villa Franca apresenta uma animação extraordinaria e um espectaculo digno de se vêr. Proximo da praça dos touros, que está situada á beira da estrada real, existe um monte que fica do outro lado da referida estrada, e quando ha tourada, este monte enche-se de espectadores, e então não sabemos que mais admirar, se a lucta que se trava na arena entre os lidadores e as feras, se a animação e o pittoresco que o monte apresenta, completamente cheio de povo, onde as variadas côres dos vestuarios e a alegria dos espectadores constituem um quadro deslumbrante.

PORTO — Egreja da Trindade (Segundo uma photographia de E. Biel)

VILLA DE S. PEDRO DO SUL

É antiquissima esta villa e já existia antes da dominação dos romanos.

A formosura dos seus campos e serras, de uma vegetação abundante e fresca, fazem-n'a conhecer como a Cintra da Beira Alta.

A villa de S. Pedro do Sul é cabeça de concelho; está situada 18 kilometros ao NO. de Vizeu e 285 ao N. de Lisboa.

Compõe-se o concelho de vinte freguezias que são: Bayões, Bardonhos, Candal, Carvalhaes, Covas do Rio, Covêllo de Paivô, Figueiredo do Alva, Manhouce, Moutas, Pindello, Pinho, Santa Cruz da Trapa, S. Christovam, S. Felix, S. Pedro do Sul, Serrazes, Sul, Valladares, Varzea e Villa Maior, pertencentes todas ao bispado de Vizeu, com 4:100 fogos.

Tem muito bons edificios principalmente templos; bonitos passoios, ficando-lhe perto as ermidas de Nossa Senhora da Nazareth, construida sobre rochedos em grande altura do rio Vouga e a de Nossa Senhora da Guia, em Bayões.

Ha n'esta villa umas magnificas aguas thermaes, que são muito frequentadas no tempo proprio. A respeito d'estas aguas e do estabelecimento onde se ministram, publicou o Occidente no vol. 7.º a pag. 211 a 213, uma gravura e artigo bastante noticioso.

A gravura que publicamos mostra bem o quanto é pittoresca esta villa, e é copia de uma bella photographia do sr. Rocha, distincto photographo estabelecido em Lisboa, que nos obsequiou com mais outras photographias de differentes pontos da provincia da Beira Alta, que iremos publicando.

O Hospital da Misericordia da Figueira da Foz do Mondego

É muito antiga a fundação do convento de Santo Antonio da Figueira da Foz, que se acha transformado no Hospital da Misericordia da mesma cidade, representado na nossa gravura.

Não é facil averiguar a data precisa da referida fundação, mas sabe-se ser anterior a 1580, pois que n'esse anno foi o convento saqueado pelas tropas de Filippe II de Hespanha, por occasião de passar Portugal a estar debaixo do dominio d'aquella nação.

Grande quantidade de pinheiros cercavam o mosteiro e se estendiam desde elle até grande distancia, e d'ahi derivou áquelle o nome de convento de Santo Antonio da Matta, pelo qual era conhecido. De ha muito que nem vestigios existem de tal plantação, que foi destruida, em grande parte, pelos habitantes para uso proprio, como o foi a de outros lugares da nossa costa, onde a sua existencia, obviava aos inconvenientes que se apresentaram com a sua falta.

Pela extincção das ordens monasticas, o convento e a cerca passaram a ser propriedade do estado. Mais tarde este entregou-os á camara municipal da Figueira, parece que com a condição d'esta ceder parte do edificio á irmandade da Santa Casa da Misericordia, que por esse tempo se instituira debaixo da presidencia de João da Silva

Soares de Menezes, e que pedia o convento para n'elle estabelecer o seu hospital.

Fosse ou não com tal condição, o que é facto é que em dezembro de 1839 foi dada pela camara municipal da Figueira pósse de parte do convento áquella irmandade, para installação do seu hospital.

Annos depois, sendo provedor João José da Costa, adquiriu este com dinheiro seu, que offereceu á Misericordia, o terreno em que hoje se acha estabelecida a escola Conde de Ferreira.

Comprado o terreno, obteve o dito provedor que a camara municipal o recebesse em troca da egreja, da cerca, e do resto do convento, com as condições de servir a egreja de capella do cemiterio publico, que a não tinha, e de poder a camara abrir na cêrca, as vias publicas que entendesse.

Posteriormente áquelle contracto, e sendo provedor Manuel José de Sousa, desejosa a camara de dotar os seus municipes com um passeio publico, cuja falta muito se fazia sentir, pediu com insistencia para entrar de novo na pósse da cerca do convento, afim de lhe dar aquella applicação. Com a mesma insistencia porém, lhe foi negada a posse pelo dito provedor, que considerou, muito acertadamente, ser inconveniente o privar o hospital de um complemento essencial, que não tinha meio de substituir, emquanto que a camara municipal podia adquirir, para satisfazer ás suas louvaveis aspirações, qualquer outro terreno, em lugar apropriado.

Durante a gerencia do provedor Julio da Fonseca Mouro, que começou no anno de 1867, parte da cerca foi transformada em matta de eucalyptos, o que foi um beneficio para o hospital, não só por serem os eucalyptos reconhecidos como purificadores do ar, como porque a cerca convertida em matta, produz de ha dois annos para cá (desde que aquella foi pelo actual provedor mandada desbastar e cortar de ruas) uma certa receita, proveniente da retribuição paga pelas pessoas que, principalmente na epoca balnear, se aproveitam do lindo passeio que aquella offerece, e das diversões n'ella installadas.

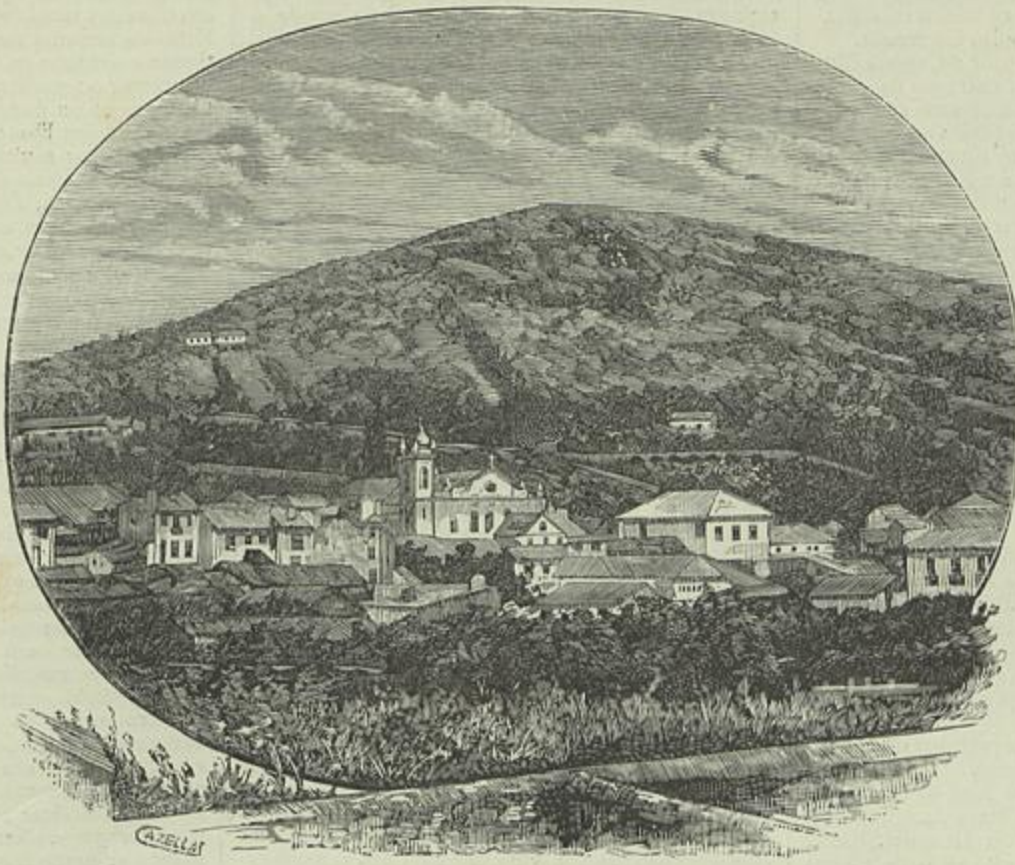
Ainda a referida plantação estendeu a sua benefica influencia para além do hospital. De facto, antes da existencia d'ella succedia repetidas vezes o serem os moradores das visinhanças do cemiterio (que se acha unido á matta) atacados de febres, que os medicos attribuiam áquella visinhança, e que depois desappareceram.

Se os eucalyptos porém tiveram o poder de destruir os inconvenientes materiaes, de ser o cemiterio tão proximo do hospital e de muitas habitações, não podem elles destruir o effeito moral, que, principalmente sobre os doentes em tratamento no hospital, tal visinhança deve produzir, e por isso a continuação do cemiterio n'aquelle lugar, é muito inconveniente.

Ao mesmo provedor Julio Mouro, se deve o primeiro e grande impulso dado á demolição do antigo edificio, inteiramente improprio para Hospital, e á construcção do actual, debaixo do plano elaborado pelo distincto engenheiro Adolpho Loureiro, que mereceu a approvação de pessoas tão competentes como é o medico Sousa Martins, concluindo-se no tempo da sua gerencia, o corpo principal do edificio, e isto á custa de esmolas e subscripções, em grande parte promovidas por elle.

Entre aquelle e o actual provedor, exerceram o logar differentes, e entre elles Antonio dos Santos Rocha, que continuou a plantação de eucalyptos, a prolongar a matta.

Ha proximamente 3 annos que a provedoria é exercida por Affonso Ernesto de Barros abastado proprietario.

No desempenho de tão sympathica commissão, tem este levado o zelo, a ponto de emprestar sem juro, o dinheiro necessario para a continuação das obras, que elle fiscalisa com um interesse digno de todo o elogio.

Villa Franca de Xira (Segundo uma photographia)

Villa de S. Pedro do Sul (Segundo uma photographia de Rocha)

Durante os 3 annos da sua gerencia, construiu-se o segundo corpo do edificio na rectaguarda e ligado ao primeiro, e começou-se com a reedificação da egreja, obra que está muito adiantada.

A elle é tambem devido, o trocar a Camara Municipal, uma tira de terreno do extremo da cêrca (que precisou para alargamento de uma rua) pelo direito que tinha a abrir quaesquer vias publicas atravez da mesma, ficando tal direito reduzido sómente, a poder abrir uma rua no sentido N-S, e no extremo E. da dita cêrca.

Concluido o edificio, que era o mais importante, e ao qual falta sómente, um insignificante accessorio no lado opposto ás cosinhas, o resto pouco representa em comparação do que se acha feito, e deve haver todas as esperanças, de que dentro em pouco, esteja concluida a egreja, alguns trabalhos de installação, e adquiridos os objectos que faltam, para o funcionamento do hospital, ficando a Figueira dotada com um estabelecimento de caridade, á altura das necessidades d'esta importante povoação, onde os enfermos desherdados da fortuna, encontrem o conforto, que deverão, aos que, tendo a felicidade de não ser contados n'esse numero, teem posto á disposição de um tão elevado fim, o seu trabalho, a sua intelligencia, e até parte dos seus haveres, a que serve de exemplo o segundo provedor José da Silva Soares.

Este levou tão longe a sua dedicação pela instituição, que depois de ter gasto parte da fortuna, no costeamento das despezas, para que a receita não chegava, legou-lhe ainda por sua morte, uma boa parte da que lhe restava.

Na sala das sessões, estão os retratos de alguns dos bemfeitores e de um dos provedores, e existe um quadro commemorativo de José da Silva Soares, primeiro secretario que a Meza da Santa Casa teve, e um dos fundadores do Hospital. Entre os retratos dos bemfeitores acha-se o de Carlos Relvas, que tomou a seu cargo todas as despezas que se fizeram, para dar dois espectaculos tauromachicos a beneficio do estabelecimento, em epocha muito recente.

O edificio, como se vê da gravura, compõe-se de rez do chão e andar nobre. No primeiro fica a pharmacia, o laboratorio correspondente, e armazem de drogas, a rouparia, a casa para guarda militar, quarto do porteiro, enfermaria prisão, sala para consultas, secretaria, casa mortuaria, uma outra para autopsias, sachristia, casa de banhos e sala das sessões.

No andar nobre ficam dois grupos de enfermarias, sendo quatro para homens e tres para mulheres, podendo conter doze camas cada uma, quartos particulares para doentes de um e outro sexo, quartos para habitação do pessoal, sala para instrumentos cirurgicos, e provavelmente bibliotheca.

Em dois annexos ao edificio collocados na rectaguarda d'elle, está n'um a cosinha e dispensa e o outro (que falta construir) parece que será destinado a accessorios essenciaes.

A receita permanente e certa do estabelecimento, proveniente de juros, fóros, etc., é actualmente 1:000$000 réis proximamente, e a differença para 5 contos de réis, que tal é a despeza, é coberta pela receita eventual, proveniente em grande parte de esmolas.

J. C. A.

DOM TAROUCA

II

Ouvia-se, esmorecendo pouco a pouco, a voz rouca de Dom Tarouca cantilenando monotonamente um estribilho cadenciado, que a toda a hora usava, comparavel ao badalamento d'uma persistente campanula morosa:

Tre-lou, lou-tou, tou!

E emquanto a rude toada sem tino, com que por certos povoados serranos as mães impacientes costumavam combater e vencer promptamente as perrices dos ramelosos filhitos choröes, se affastava e apagava, constante e lamentavel como o dobre absurdo da alienação, o mulherio deixou-se de zombar, e foi-se ás castanhas já bem assadas. Então, comendo vorazmente, e distribuindo um regateado quinhão á canalha faminta, as satisfeitas comadres, espertadas mecanicamente pela mastigação accelerada, puzeram-se a recontar extensamente a historia famosa d'aquelle doido, fornecendo cada uma com escrupulo o seu subsidio pormenorioso, quaes matronas de soalheiro oraculando para um Tacito.

No tempo em que lhe chamavam simplesmente — o Estevam moleiro, Dom Tarouca fôra um rijo rapagão fero e robusto, transpirando saude e força, com arrogancias impetuosas de valentias, que o evidenciavam gloriolosamente nas contendas bebedas e guerreiras das romarias, e o faziam cubiçosamente olhado das moças, enfeitiçadas pelos seus casquilhos arranques de janota d'aldeia tosco e fanfarrão, e pela fama estridente dos seus afortunados amores prolificos como os dos soberbos gallos de guellas canoras e crista audaz, e que tantas ingenuas donzellas confiantes irreparavelmente haviam botado a perder, sem temor dos marmelleiros vingadores dos paes e irmãos das enganadas. No logarejo mais proximo do moinho paterno, elle passou como um rastilho de perdição, a que só resistiram as incombustiveis virtudes mais solidamente aceradas, erriçadas da nativa altivez selvagem da honra consciente, e capazes de, por brio espontaneo da sua vontade, defenderem com murro heroico a sua pureza da affrontosa mancha de qualquer ligação ligeira, de passagem; porque as interesseiras familias, as pobres em que as mães ralhadeiras arrancam publicamente os cabellos ás tristes filhas conspurcadas de peccado e lavadas em pranto, assim como as mantidas de bons meios, que sob uma capa apparente de decencia atabafam as intimas vergonhas, fechavam velhacamente os olhos vesgos ás maroteiras d'aquelle satyro enfarinhado, porque elle era solteiro e rico, unico herdeiro d'uma consideravel fortuna em terras patentes ao sol. Esperavam, n'uma sôrna resignação, e com a elasticidade de consciencia que maravilhosamente produz a ambição desatrelada d'enredadores escrupulos, que o refalsado, leviano, mudadiço, e donjuanesco Estevam, enfastiado d'aventuras, assente o juizo, resolvesse um dia escolher, definitivamente, para companheira da sua vida, alguma das suas abandonadas victimas, emparelhando-se com ella pelo sagrado e indesatavel laço d'estola.

Mas esta especie de loteria manhosa, que punha na pequena povoação inteiramente interessada pelo original jogo, o fremito das impaciencias, a anciedade das esperanças mal confessadas, e os murmurios do mexerico, falhou bruscamente, falcatruada por uma extraordinaria paixão imprevista. O velho pae do Estevam recolhera em sua casa uma pequenina sobrinha orphã, que se creou e cresceu juntamente com o rapaz quasi da mesma idade; parceiros de folia, em creanças, camaradas foram tambem de trabalho, mais tarde, quando deitaram estatura e desembaraçada coragem para se metterem alegremente aos caminhos, incumbidos ambos d'andarem com as trotadôras bestas de carga pelas aldeiolas, entregando aos donos os taleigos rotundos e poentos da farinha, e recolhendo os centeios e os milhos para moêr, mediante a regulada maquia usual. Assim passaram seguidos annos n'um labor constante, mas airado, entregues um ao outro irmãmente na grande liberdade desafogada da natureza, na hilaridade vigorisadora do pleno ar; e n'essa vida fadigosa e feliz d'almocreves batendo carreiros e atalhos, costas pedregosas e barrancos, desabrochou a puberdade dos seus sãos e fortes corpos, alimentados d'um rico sangue rubro, adolesceram com uma aguerrida carne feita para o desejo. Comtudo o Estevam, que não tardou em tornar-se fallado pela sua atrevida habilidade vencedora, na caça das casadoiras raparigas sem cautela nem miôlo, era um pobre timido de nascença, contemplativo, acanhado, e mudo, junto da sua fresca e hombruda e risonha prima; e nunca,— nem quando pelos pardacentos dias invernosos, encharcados d'aguaceiros, se abrigavam debaixo das lapas, nos montes desertos; nem quando corriam, ou unindo as suas vozes, mascula uma, a outra debil, harmonisando-se bem, cantoriavam furiosamente na alacridade das perfumadas primaveras instigadoras; nem quando as esbrazeadas soalheiras estivaes os amolleciam e empurravam para a sombra das arvores silenciosas; nem quando, á vinda das primeiras geadas, que embranquecem baçamente como a giz molhado os campos entristecidos, procuravam escapar-se ás mordentes friagens, perseguindo-se, luctando, fazendo-se cócegas para aquecerem, — por vez alguma elle tentou sequer beijar as retintas rosas das faces de Delfina, ou os cravos escarlates dos seus grossos beiços generosos.

Com uma indefinivel commoção, o Estevam via avolumar-se o seio afflante d'ella, dando-lhe o realce de mulher perfeita; emquanto que a Delfina, com um alvoroço estranho, observava a pennugem castanha da barba d'elle, que lhe enfuscava a cara virilmente.

Chegou, porém, a occasião em que, cançado das impertinentes choradeiras das cachopas tardiamente arrependidas, que o cercavam, disputavam, e requestavam ainda esperançadamente, e algumas das quaes se affligiam e carpiam tambem pelo fructo das suas fecundas entranhas, o malvado e cruel Estevam sentiu a necessidade egoista de não continuar a arriscar-se nos perigos do incerto futuro, e o terror supersticioso do castigo invadiu-lhe geladoramente a dura cabeça assustadiça, e tolheu-lhe os arrojos libertinos. Porque os seus inimigos surrateiros se multiplicavam, e sentia que á sua passagem debaixo de certas janellas os improperios rancorosos, despeitados, ou amaldiçoadôres saraivavam sobre elle, encheu-o naturalmente o pavor de qualquer ataque homicida, n'uma traição d'encruzilhada, e ao mesmo tempo entrou a temer os maleficios das benzedeiras sceleradas, mézinhas d'encantamento propinadas durante o somno, sinistras armadilhas, emfim, maus olhados. Tornou-se commedido, serio, e recatado, na sua muda de joven vicioso para homem sisudo que se apruma, lava, e limpa de feios feitos condemnaveis, e endireita pela vereda da meritoria cura, não pouco temporã n'elle, valha a verdade. Então, contido, subjugado pela bemfeitora prudencia, e como não deixassem de mortifical-o os achaques rebeldes e indomaveis da mocidade, viu na Delfina, tão prompta á sua beira, o salubre e salvador complemento da sua existencia desequilibrada; e rendeu-lhe côrte, resolutamente, largando a dizer-lhe a todo o momento cousas ternas, amimando-a insistentemente com os patuscos olhos luzidios, e com frustes graçolas desafiando os appetites sensuaes, embora se não animasse a tocar-lhe, com os estouvados gestos avezados pelos galanteadores campesinhos. Ora, emtanto que elle se prendia e embaraçava no seu manejo, e já cahia em affirmar sentimentosamente, em cantigas improvisadas, que trazia a sua alma enlaçada ás tranças d'ella, a Delfina comprehendeu depressa que não saberia resistir por longo tempo ao primo, fazendo em si a quasi repentina descoberta atormentadôra e deliciosa de que gostava d'elle enamoradamente; e depois de velar algumas noutes, agoniada e attrahida, suspirando e rezando á santa Virgem nossa senhora para que a desviasse de tentações funestas, levantou-se uma manhã com a transtornada cabecinha escandecida, e chegou-se ao pé do tio, como em pequena, queixando-se-lhe ingenuamente de que o Estevam — queria metter-se com ella. E logo estremeceu, coitada, perante a colera rapida que faiscou nas encovadas pupillas do velho; mas o homem antigo, de compridos cabellos sómente entremeiados de fios brancos apesar dos seus setenta annos redondos, tratou de fingir-se manso, e mandou a sobrinha á côrte indagar porque estavam os porcos grunhindo e bufando desusadamente, inquietos, recommendando-lhe laconicamente que tivesse tento na cachola; e, assim que ella sahiu, chamou o filho com um arreganho d'intimidante agouro.

Continúa. *Monteiro Ramalho.*

Uma visita ao Limoeiro

VII

— Vamos vêr os quartos particulares, observou-nos o guarda, indicando-nos uma escada que se empinava na nossa frente.

Era de pedra esta escada, e a ella succederam-se outras de madeira, em grande numero de degraus, alguns dos quaes oscilavam muito desconjuntadamente sob os nossos pés, obrigando-nos a exercicios equestres, pouco em harmonia com os nossos habitos.

As paredes apresentavam soffriveis abdomens, mostrando-se, portanto, muito mais nutridas que os habitantes d'aquella casa, e os tectos debruçados sobre as nossas cabeças, davam perfeita razão da sua inercia, crescendo-lhes as barrigas á vontade, sem espartilho de barba de baleia que os obrigasse a conter em rasoavel obesidade.

Isto podémos nós divisar atravez da escuridão tenebrosa d'essas escadas, que subiamos já um pouco fatigados e de uns corredores, não menos escuros, que atravessamos, tudo em procura dos taes quartos particulares, encarapitados no alto do edificio, ou cerca de 30 metros acima do solo.

Estavamos no sotão, cortado em differentes direcções por corredores estreitos, ora subindo, ora descendo pequenos lances de degraus, e em que as paredes e os tectos mostravam as mesmas fórmas rotundas que as das escadas, podendo nós ainda divisar, atravez de um pouco mais de claridade, que a gordura era tanta que transpirava pelos poros, alastrando-se em grandes nodoas pelas paredes, de envolta com caprichosos ara-

bescos a carvão, onde não faltavam certos symbolos do velho Egypto, nem espessas teias de aranha, de tons tão negros como os tectos esfumaçados a espelharem as negruras do soalho.

Decididamente tinhamo-nos enganado. Aqui é que eram as enxovias! Aqui é que devia ser o antro de toda a bicharada, e não obstante eram estes os aposentos especiaes da cadeia, para habitar os quaes, os presos pagam 1$800 réis no primeiro mez, 800 réis no segundo, 600 réis no terceiro e os mais que se seguirem a 300 réis.

Ao menos o Estado não é exigente, em vista da caristia que vae cá por fóra com as habitações, e faz-nos lembrar certos senhorios forretas, que alugam as suas casas mais baratas, mas em compensasão não lhe mandam pregar um só prego que seja.

Comparavel aos quartos particulares do Limoeiro só conhecemos uma coisa que Deus haja. Era o theatro da Rua dos Condes!

Aquelles corredores estreitos; aquellas paredes e tectos barrigudos; aquellas portinhas fransinas e empenedas; aquella velhice secular emfim, desconjuntada desaprumada oscilante, é o retrato vivo do celebre pardieiro que desappareceu no entulho e passou a viver para a historia.

Cada quarto tem uma pequena janella, e a respeito de mobilia é o mais elementar possivel, tendo o estritamente necessario quando lhe não falta o indispensavel.

É tal a confiança que o sr. director da cadeia tem na segurança d'estes quartos, que são em numero de trinta, que a maior parte dos presos que n'elles habitam de dia, são á noite recolhidos nas salas prisões, pelo sim pelo não, porque de outro modo seriam vulgares as fugas, como a que ainda ha poucos mezes se deu alli, de dois presos que fugindo para o telhado, tiveram o arrojo de descerêm d'aquella respeitavel altura, para o chamado pateo das ratazanas, onde assassinaram a sentinella evadindo-se depois por uns quintaes.

Esta parte do edificio, é que, pela sua ruina e pouca segurança, nos fez conhecer positivamente a necessidade imperterivel de uma cadeia civil, nova e isolada de outras edificações estranhas.

Além d'isto a disposição dos quartos, demanda para a sua boa vigilancia de um numero de guardas de que a cadeia não dispõe, e por isso não admira que alli se possa fazer moeda falsa, sem que empregados da cadeia dêem por tal, attenta a maneira como esse fabrico é feito, o que ainda assim já tem sido surprehendido pelos mesmos empregados.

O modo como alguns presos teem lá feito dinheiro falso é muito simples.

Cravam uma moeda boa, n'uma espinha de chôco, e obteem um cunho e contracunho. A luz de um candieiro ou candeia de uso derretem dentro de uma colher de ferro, tambem de uso, o metal que deitam na forma, e assim fabricam qualquer moeda que só póde enganar cegos ou creanças, tal é a sua imperfeição. Outros obteem isto mesmo fazendo o molde de gesso.

Por isto se vê que que a ferramenta de que os presos se servem consta dos proprios objectos de uso, e só tem que esconder os moldes e o metal, o que não é difficil fazer em qualquer boraco do sobrado ou da parede, visto que a abundancia é grande por todos os cantos.

E são estas moedas falsas, que muito raro poderão enganar qualquer palerma, que de vez em quando vem aos noticiarios dos jornaes com o escandaloso titulo de *Moeda falsa no Limoeiro*.

Isto tem a nosso ver uma vantagem, e é, que os fabricantes não dão trabalho a prender, pela simples razão de já estarem presos, e que o sr. procurador regio para evitar a repetição d'estas graçinhas, devia mandar fornecer aos presos colheres de pau em logar das de ferro.

(Continúa) *Caetano Alberto.*

Processo do architecto inglez John Coustos

CONDEMNADO PELA INQUISIÇÃO DE LISBOA POR SER PEDREIRO-LIVRE

1743 — 1744

(Continuado do n.º 283)

N'um outro interrogatorio disse-me o presidente:

«— Disseste-me que o dever do maçon era de soccorrer os desgraçados. Praticaste alguma vez a caridade?

Indiquei-lhe uma mulher catholica a quem déra uma moeda de ouro, porque ella sabendo, que os pedreiros livres nunca recusam fazer esmola, se havia dirigido a mim. O convento dos franciscanos foi presa das chammas disse-lhes eu, e os frades tendo feito peditorio, eu dei-lhes tres quartinhos. Uma desgraçada mulher catholica tendo o encargo de seis creanças e achando-se immersa na maior miseria, fôra me recommendada por alguns maçons: um peditorio feito entre sete dos nossos deu dez moedas, quantia que eu mesmo entreguei.

Empregaram, então, os inquisidores todos os argumentos da sua logica para me provarem que fôra o Omnipotente, que permittira a minha prisão para me chamar ao caminho da verdade.

— Vós deveis conhecer, disseram-me elles, as palavras de Jesus Christo a S. Pedro: — Tu és Pedro e sobre essa pedra construirei a minha egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. Obedecei pois em tudo ao santo pontifice romano, vigario de Jesus Christo e successor de S. Pedro.

Repliquei com firmeza que não conhecia o pontifice romano, nem como successor de S. Pedro, nem como infallivel; que as minhas crenças repousavam na sagrada escriptura, regra eterna e unico guia da nossa fé. Pedi lhes com instancia que me deixassem gosar do privilegio concedido aos inglezes em Portugal, pois estava resolvido a viver e a morrer na communhão protestante. Por isso todas as instancias seriam infructuosas para me converterem.

Os juizes declararam me que se eu abraçasse a religião catholica, obteria um titulo certo e seguro á clemencia do tribunal; mas que a minha obstinação seria causa de tardio arrependimento.

Disse respeitosamente que me era impossivel acceitar a clemencia do tribunal por esse preço.

O auto de accusação foi-me lido alguns dias depois. Antes do promotor do Santo Officio começar a leitura, disseram-me os inquisidores que elles me escolheriam advogado. Como eu temia que fosse algum dos inquisidores o encarregado, e que então mais facilmente cahisse nas suas mãos, pedi para apresentar eu proprio a justificação por escripto. Como o Santo Officio não concede nem pennas, nem tinta, nem papel aos accusados, pedi licença para dictar em presença dos inquisidores a defeza escripta por um d'elles.

Eis em resumo os artigos da accusação:

«Que João Coustos se tinha tornado culpado de infracção ás ordens de S. Santidade aggregando se á sociedade dos fran-maçons, sendo essa seita um horrivel agrupamento de sacrilegio, de sodomia e de coisas torpes, o que estava bastante indicado pelo inviolavel segredo recommendado a todos os seus membros e pela exclusão de mulheres. Que os crimes commettidos n'esse antro de abominações offendiam tanto as leis do estado, como as da egreja;

«Que o dito Coustos tendo recusado de revelar ao Santo Officio a verdadeira tendencia e o fim das reuniões dos pedreiros livres, e persistindo em affirmar que essa sociedade era boa;

«O promotor requeria que o preso fosse tratado com todo o rigor; supplicando o santo tribunal de exercer toda a sua auctoridade, recorrendo aos tractos se lhe fosse necessario, afim de obter do réo a confissão necessaria para provar a accusação.

«Apresentou-me o presidente os artigos de accusação para que eu os assignasse.

«Recusei pertinazmente.

«Mandaram-me encerrar no carcere, sem me permittirem dizer palavra em minha defeza. Só decorridas seis semanas é que fui novamente chamado. Dictei então a defeza a um escrivão. Eram algumas observações juntas ao que já dissera nos interrogatorios precedentes.

«Decorreram alguns dias sem que visse alguem mais do que o carcereiro.

«Uma manhã levaram-me ao tribunal, conduzindo-me com mais solemnidade do que de costume. Compareci perante sua emminencia o cardeal da Cunha, inquisidor e director-geral de todas as inquisições da monarchia portugueza.

«O cardeal perguntou-me se tinha a apresentar ao tribunal mais alguns factos ou argumentos em meu favor.

«Respondi negativamente, mas que me sobrava confiança na rectidão e equidade do tribunal.

«Ordenaram-me que sahisse.

«O tribunal deliberou e eu fui novamente introduzido.

«O presidente mandou lêr a resolução do tribunal, que me condemnava á applicação da tortura por haver recusado dizer a verdade sobre os segredos da maçonaria, não dando a conhecer a verdadeira tendencia e o fim d'aquella infernal associação.

«No mesmo instante fui agarrado por dois homens mascarados, que me levaram á sala dos tormentos.

«Vendaram-me os olhos e fizeram-me descer grande numero de degraus. Em poucos momentos achei-me n'uma sala espaçosa, fechada em abobada e apenas alumiada por dois brandões de resina e pez. A entrada d'esse antro era fechada por duas portas, revestida uma d'ellas por um colxão para impedir que os gritos de agonia chegassem aos ouvidos dos presos.

«Sentia-me tremer. A vista das polés, dos cavalletes, das longas tenazes, das golilhas e dos rescaldos ardentes era horrivel.

«Seis familiares envolvidos em tunicas que só lhes deixavam a descoberto os olhos, despiram-me e estenderam-me sobre um cavallete. Alli, collocado em posição mui dolorosa, o pescoço apertado n'uma gargalheira de ferro e os pés presos em dois anneis de ferro, apertaram-me os braços e as pernas com uma corda delgada, que dava duas voltas em torno dos membros e passava por uns buracos do cavallete. A um signal dado quatro torcionarios pucharam pelas cordas. As cordas retezadas entraram-me nas carnes e o sangue esguichou por oito feridas.

«Quatro vezes me fizeram soffrer tão atroz tormento, persistindo eu sempre em declarar que nada mais podia dizer do que já relatára. Junto a mim um physico ou cirurgião, pondo-me a mão nas fontes e consultando-me o pulso, fazia idéa das forças que me sobravam para não morrer, e interrompia a continuação dos tractos para que eu resistisse á nova applicação dos tormentos.

«Presente a tão atroz soffrimento, um inquisidor acompanhado de um escrivão prompto a tomar nota da minha confissão, não cessava de dizer-me:

«— Tomae cuidado que por vossa culpa ides succumbir impenitente! Condemnado sereis na outra vida pelo crime de suicidio!

«Com a ultima prova, as forças faltaram-me e desmaei. Quando voltei a mim achei-me na estreita cellula estendido na palha infecta, que me servia de cama.

«A coragem de que dera prova nas torturas não desanimou os meus juizes. A Inquisição, quando não vergava as suas victimas, quebrava-as entre as poderosas mãos.

(Continúa) *João de Mendonça.*

RESENHA NOTICIOSA

Beneficencia publica. Reuniu-se nos paços do concelho de Lisboa no dia 7 do corrente mez o *Congresso municipal de beneficencia publica*, que é composto de todos os membros das commissões de beneficencia do concelho. Presidiu o sr. Rosa Araujo, antigo presidente da camara municipal, e hoje vereador do pelouro de beneficencia. Foi eleita presidente honoraria do congresso S M. a rainha a sr.ª D. Maria Pia. Elegeram-se em seguida as diversas commissões ou secções: *de soccoros a velhos e invalidos* que ficou composta dos srs. Antunes Rebello, Antonio dos Santos Monteiro, marquez de Rio Maior, D. José de Carvalho Daun e Lorena, dr. Garcia Diniz, dr. Luiz Jardim, conde de Magalhães, conde de Folgosa, Francisco Simões Margiochi, Francisco d'Almeida Rebello, e das sr.as viscondessa de Carnide, D. Clementina d'Almeida Rebello, marqueza de Monfalim, condessas do Geraz do Lima e da Folgosa e D. Maria Amalia Machado Castello Branco; *de soccorros a desempregados e abandonados*, composta dos srs. Polycarpo Pecquet dos Anjos, Francisco José Ferreira, Antonio Luiz Ribeiro, Joaquim Salgueiro d'Almeida, visconde d'Azarujinha, José da Costa Pedreira, dr. Martinho Tenreiro, João Henrique Ulrich, marquez de Pomares, Francisco da Silva Figueira; *secção de soccorros a enfermos*, composta dos srs. José Augusto Braamcamp, D. José de Saldanha, dr. Luiz José Diaz, Luiz de Almeida e Albuquerque, Henrique Matheus dos Santos, Pedro Franco, Francisco Lourenço da Fonseca, Antonio José Condeixa, dr. Rodrigues Camara, Francisco José Caldeira, e das sr.as D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, D. Adelaide Maria Amado, D. Eugenia Castello Branco, condessa de Burnay, condessa de Magalhães; *de soccorros a crianças*, composta dos srs. José Joaquim Ferreira Lobo, Jayme da Costa Pinto, Antonio Florencio dos Santos, Rodrigo Affonso Pequito, Manuel Pinheiro Chagas, dr. Santos Viegas, Joaquim José Pereira Alves, Miguel Queriol, Manuel José d'Andrade, visconde da Feitosa, e das sr.as D. Maria Corte Real Alves, marqueza de Rio Maior, D. Maria

Hospital da Misericordia, na Figueira da Foz (Segundo uma photographia)

Emilia Brandão Palha, D. Emilia Barbosa dos Santos e viscondessa de Carvalho. As secções ficaram hontem installadas. Esperamos que de taes pessoas e tantas deverão deslisar os beneficios que os necessitados carecem, e que veremos em breve satisfeitos os que precisam, e desopressados os transeuntes dos bandos de infelizes de ambos os sexos e de todas as edades, que imploram a sua caridade por todas as ruas e becos da cidade.

Neutralisação do canal de Suez. Seguem negociações activas, desde certo tempo, entre a França e a Inglaterra relativas aos negocios do Egypto, que a França abandonou, deixando a Inglaterra com todo o peso d'esse encargo. Não se sabe bem os termos como essas negociações teem corrido, que umas vezes se declaram azedas, outras em via de conciliação. As ultimas noticias, porém, asseguram que ambas as partes mostram desejos sinceros de resolverem amigavelmente este grave problema. O primeiro objecto commum, não só aos dois paizes, mas ainda a outros, é a neutralisação do canal de Suez, conforme as bases estabelecidas pelo congresso de Paris do anno ultimo. A questão parece estar em bom caminho e que terminará em breve, parecendo que vão ou já terão sido ouvidas as potencias mais directamente interessadas no assumpto, que são Hespanha, Portugal, Hollanda, Italia e Allemanha. O nosso paiz, pelas suas vastas possessões na Africa, na Asia e Oceania, não deve perder este assumpto de vista, e convem-lhe até entrar n'estes negocios que tão directamente o affectam, para que, quando lhe fôr mister, não se achar só, ou quasi só, no campo diplomatico, como lhe succedeu na conferencia de Berlim, onde perdeu tudo, e só lhe concederam que podesse chamar sua a uma pequena parte do que seu era. A questão agora diz-se estar em bom caminho e é de esperar que breve termine. Quanto á evacuação do Egypto, é certo que não se poderá verificar no 1.º de janeiro proximo futuro, como se desejava, mas parece que o novo praso que os inglezes pedirão será curto.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista de estudos livres, *directores litterario-scientificos dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos. Lisboa, Nova Livraria Internacional, 96, Rua do Arsenal — 1886.* N.os 9 e 10 do terceiro anno; novembro e dezembro. Comprehende este fasciculo: *Historia da pedagogia em Portugal,* pelo sr. Theophilo Braga, onde se colligem alguns documentos interessantes para a historia do desinvolvimento litterario da nossa universidade; *O theatro moderno em Portugal,* pelo sr. Teixeira Bastos, onde se analysam os dois dramas *Duque de Vizeu,* de Lopes de Mendonça, e o *Germano,* do sr. Abel Acacio; *Romancistas naturalistas,* pelo sr. Reis Damaso; entra na analyse dos escriptores que agrupa sob aquella designação, começando pelo sr. Fialho d'Almeida, fazendo sobresair alguns trechos de critica ridicula, com que incensaram o incorrecto mas intelligente escriptor; *A funcção historica de economia politica,* pelo sr. Isidoro Martins Junior; *As conferenciss na Academia Real das Sciencias,* pelo sr. Junio de Sousa, critica ás conferencias do sr. José Horta, que no corrente anno apresentou a relativa á *Circulação da materia,* parece que como continuação á que dois annos antes recitára sobre os *Infinitamente pequenos. Dos fungos, sua descripção e classificação,* pelo sr. Filippe de Figueiredo; *As epopeas da humanidade,* na poesia portugueza contemporanea, pelo sr. Teixeira Bastos, é uma analyse da *Visão dos tempos,* do seu collega na redacção, o sr. Theophilo Braga, fazendo sobresair os trechos mais delicados d'ella. *Bibliographia,* analyse de varios livros pelos srs. Teixeira Bastos e Reis Damaso.

Moniteur de l'exposition nationalle de Toulouse, 1887. *Directeur L. Casabona.* A exposição internacional de Toulouse de 1887, promovida em grande parte pela Sociedade Academica Franco-Hispano-Portugueza d'aquella cidade, vae realisar-se em 1887. Para registar os factos d'esse importante melhoramento creou-se o periodico que tem o referido titulo, que será bi-mensal de 10 de outubro a 31 de dezembro proximo; semanal desde 2 de janeiro ao 1.º de maio, e bi-semanal desde esse dia até 15 de novembro de 1887; o preço da assignatura é de 20 francos por todo o periodo, e os pedidos devem ser dirigidos ao administrador, Praça Belfort, n.º 3, Toulouse.

Documentos historicos da cidade de Evora, pelo sr. Gabriel Pereira. Continua esta publicação, cujo apparecimento saudámos, a pag. 240 do nosso oitavo volume. N'ella se incluem documentos de alta valia, para a historia da cidade, que representou, desde o seculo XIV até ao seculo XVII, por muitas vezes, papel importante nos successos do paiz. Alli habitava frequentemente a côrte, e alli permanecia dilatados tempos; alli estiveram D. João II, D. Manuel, e D. João III; nos reinados de D. Fernando, D. João I e Affonso V, muitos factos tornaram interessante a historia de Evora; alli se reuniram varias vezes as côrtes, essas famosas assembléas nacionaes, muito mais curiosas, mais uteis, e menos chetoricas do que as de hoje; casamentos de principes, festas reaes, representações, estudos, tudo alli teve famosa realisação ou subiu a grande auge. Alli viveu o descobridor da India, quando teve que deixar Sines, por causa de questões com a ordem de Sant'Iago, alli emfim fundou Cenaculo a famosa livraria, que é uma das mais notaveis do paiz. O sr. Gabriel Pereira, com a sagacidade que o caracteriza, com a critica illustrada que possue, vae reunindo com proficiente curiosidade e discernimento os documentos que os diversos archivos lhe fornecem e que fazem ao objecto que se propoz. Vemos alguns artigos de côrtes importantes, o testamento de Rodrigo Ayres, privilegios de D. João I ao *povo meudo* da cidade, e outros que seria longo citar. Julgou o intelligente collector dever inserir os capitulos de chronicas que tratam de festas importantes da cidade, o que fez com relação ás de Fernão Lopes, em uns capitulos muito saborosos e caracteristicos. Anda a nossa litteratura tão gafa de obras chatas e semsabores, que folgamos de nos entreter com os valentes campeões que não temem arcar com a massa das frivolidades, fundando estancias seguras, onde nos possamos abrigar do enxame de inepcias, e chuva de torpidades que hoje enxurdam o innocente papel. Estimaremos que prosiga tão valioso esforço, e que não arrefeça a benevola acolhida, com que os seus conterraneos acceitaram, como diz o illustre escriptor, a sua obra. Ainda bem.

Typ. Elzeviriana — R. do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.